

ORAÇÕES ADJETIVAS E O ENSINO: PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

MONIKA BENTTENMÜLLER AMORIM

Odisséia

INTRODUÇÃO

Ao observarmos a língua portuguesa em suas várias formas de manifestação, é possível verificar situações em que elementos gramaticais apresentam um emprego diverso daquele prescrito pelas orientações da gramática normativa, não de maneira aleatória, mas assinalando certa regularidade nos seus usos.

O presente trabalho propõe-se o estudo das orações adjetivas do português no âmbito do ensino/aprendizagem em uma perspectiva funcional, ou seja, a língua é analisada como uma estrutura sujeita a pressões oriundas das situações comunicativas e como resultado da interação discursiva. Temos, como foco principal, as orações adjetivas observadas dentro do contexto ensino/aprendizagem. Procuramos identificar e analisar como os alunos, em geral, classificam tais orações e as possíveis dificuldades resultantes das interpretações efetuadas por eles, ao definirem o sentido das orações adjetivas classificando-as como restritivas ou explicativas. Para a realização desta investigação, buscamos teóricos como Neves (2001), Taylor (1989), Hopper & Traugott (1993), Votre, Cezario & Martelotta (2004)

e Furtado da Cunha, Oliveira & Martelotta (2003), como suporte de nossas considerações e análises.

Dessa forma, pretendemos estudar as orações adjetivas do português, superando a abordagem tradicional destas e analisar como o referido conteúdo gramatical é apresentado e trabalhado no processo ensino/aprendizagem de língua portuguesa em algumas instituições de ensino público e privado, na cidade de Niterói-RJ.

Ao longo do trabalho, alguns questionamentos estão presentes: os alunos apresentam dificuldades quando são solicitados a classificar os dois tipos de orações? Os professores consideram tal conteúdo gramatical relevante? Em algum momento de sua prática docente, os professores teriam considerado a utilização ou a discussão a respeito de orações adjetivas não prototípicas em sala de aula? E os alunos? Como classificariam orações adjetivas não prototípicas?

Postulamos como uma das hipóteses para a nossa pesquisa que o sentido explicativo, o qual veicula informação subsidiária, seja a opção mais recorrente nas classificações efetuadas

pelos alunos, principalmente nos exemplos em que se verifique a alteração dos padrões prototípicos das orações adjetivas. Acreditamos, também, que períodos mais longos e posicionamentos deslocados das orações adjetivas dentro da cadeia linguística podem concorrer para as dificuldades de classificação destas por parte dos alunos. Para o sentido restritivo, acreditamos que ele seja mais facilmente identificado e classificado quando apresentado em sua forma prototípica, em que o antecedente é menos definido, com maior *status* informacional e, além disso, em períodos curtos.

Em face do quadro que configuramos para o nosso trabalho, acreditamos que o objetivo maior do ensino de língua portuguesa é o de desenvolver a competência comunicativa do aluno, a qual não pode ser atingida sem se trabalhar a dimensão formal da língua em conjunto com a sua dimensão significativa. A pesquisa teórica respaldada na prática foi significativa em nosso estudo, pois nos proporcionou questionar e observar, a cada nova experiência, o aprofundamento e enriquecimento de novas ideias.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o propósito de construir significados a partir dos elementos advindos da coleta de dados de nossa pesquisa, estabeleceram-se contatos em cinco instituições de ensino diferentes, localizadas na cidade de Niterói-RJ. Foram selecionados os colégios São Vicente de Paulo, Colégio Nossa Senhora da Assunção, Colégio Salesiano Santa Rosa de Niterói e Instituto Abel, pertencentes à rede particular de ensino, e o IEPIC – Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, pertencente à rede pública de ensino. A pesquisa, na rede pública de ensino, foi restrita a uma instituição apenas, em virtude de longo período de greve nas instituições da rede pública, disponibilidade de horários do coordenador para nos receber e autorização da escola para exposição de nossa pesquisa. A escolha por tais instituições se deu, principalmente, em virtude de tais estabelecimentos serem bastante tradicionais e representativos na cidade de Niterói-RJ.

Em cada uma dessas instituições, o contato se deu por meio de uma breve entrevista junto aos docentes de língua portuguesa, níveis fundamental e médio. Foi solicitado aos docentes o preenchimento de um questionário. Foi entrevistado um total de doze professores da rede privada e cinco professores da rede pública.

Alunos da rede particular de ensino foram contatados para o preenchimento de duas folhas de exercícios distintas sobre classificação de orações adjetivas. Na primeira etapa da pesquisa, denominada pesquisa piloto, analisamos os exercícios de dez alunos da rede particular. Na segunda etapa da pesquisa, analisamos os exercícios de noventa alunos da rede

particular de ensino. As folhas de exercícios não foram aplicadas aos alunos da rede pública, em virtude de greve vigente na época.

2. PESQUISA DE CAMPO

Conseguimos coletar um total de dezessete questionários preenchidos por professores, somando-se os pertencentes à primeira etapa e à segunda etapa da pesquisa. Abaixo apresentamos as respostas levantadas.

Dentre os dezessete professores entrevistados, oito responderam que os alunos, em geral, têm dificuldades em diferenciar a oração adjetiva restritiva da adjetiva explicativa. Ao serem questionados sobre as prováveis razões de os alunos apresentarem tais dificuldades na diferenciação das orações, expuseram os seguintes argumentos:

- os exemplos de orações adjetivas não se apresentam de maneira clara nos materiais utilizados (5 menções).
- os alunos demonstram pouco interesse no aprendizado (4 menções).
- a definição de oração adjetiva apresentada pelo material é imprecisa (2 menções).
- os alunos confundem a oração coordenada explicativa com a subordinada adjetiva explicativa (1 menção).
- os alunos “não percebem a intenção expressiva do texto” (1 menção).
- os alunos “não entendem bem o conceito de restrição” (1 menção).
- os alunos apresentam dificuldades para identificar classes de palavras (2 menções).

A questão da vinculação entre semântica e sintaxe, crucial para o entendimento de que as estruturas linguísticas são sujeitas a pressões provenientes de situações comunicativas, não foi apontada como uma possível causa das dificuldades encontradas pelos alunos na distinção dos dois tipos de orações.

Dentre os dezessete professores entrevistados, nove responderam que, em geral, os alunos conseguem distinguir a oração adjetiva restritiva da explicativa com facilidade. A facilidade apresentada pelos alunos na distinção das orações adjetivas, para esses professores, foi assim especificada:

- o fato de o estudo de tais orações estar vinculado à interpretação de textos (7 menções).
- a definição de oração adjetiva apresentada pelo material didático é bastante clara (4 menções).
- os exemplos apresentados pelo material didático são muito básicos (4 menções).
- os alunos demonstram interesse no aprendizado (1 menção).

Observamos que a maior parte dos docentes atribuiu a facilidade dos alunos em distinguir os dois tipos, devido aos exemplos estarem vinculados a uma contextualização, interpretação de textos. Acrescentamos que, apesar de a quantidade de docentes entrevistados não ter sido muito significativa (dezessete no total), grande parte dos docentes procurou enfatizar a dimensão do significado da língua em suas práticas pedagógicas, ao apontarem que o estudo do referido conteúdo gramatical está vinculado à interpretação de textos (sete menções). Tal procedimento parece contrariar o argumento “a opção da escola brasileira tem sido essencialmente trabalhar com os ensinamentos linguísticos no plano da forma e pouco ou nada com a dimensão do significado / significação / sentido” (TRAVAGLIA, 2001, p. 208). Ao analisarmos os resultados finais, no entanto, verificamos que, ao contrário do que foi mencionado pelos docentes, grande parte dos alunos apresentou dificuldades na distinção dos dois tipos de orações.

Ao serem questionados se, em sua opinião, a distinção entre explicação e restrição é relevante, dentre os dezessete professores, doze consideraram que sim, um professor considerou a distinção relevante em algumas situações e quatro professores não consideraram essa distinção relevante.

Ao final, perguntou-se aos professores se, ao longo de sua prática docente, teriam se deparado com problemas na distinção da adjetiva restritiva e adjetiva explicativa. Três professores declararam que sim, sete disseram que isso se dá algumas vezes e sete responderam que não.

Entendemos ser de grande produtividade na língua portuguesa a utilização do recurso sintático orações adjetivas restritivas/explicativas. Além disso, uma das metas do ensino de língua portuguesa é a capacidade ou habilidade de se usar a língua de forma adequada às diferentes situações de interação comunicativa.

3. ANÁLISES

Um grupo de dez alunos, pertencentes ao ensino médio, preencheu, inicialmente, uma folha de exercícios, constituída por quatro diferentes fragmentos de textos retirados de crônicas publicadas em jornais de grande circulação. Foi solicitado aos alunos que sublinhassem as orações adjetivas restritivas e explicativas dos referidos fragmentos, nomeando-as. Abaixo, reproduzimos os fragmentos de textos sublinhados pelos alunos com as respectivas análises iniciais.

(1) “Sinto um misto de revolta e inveja quando ouço alguém dizer que está sem nada para ler. Com a cabeceira entulhada de livros que só terminarei de ler com 217 anos, se a luz for suficientemente forte, e já convencido de que nunca cumprirei meu modesto projeto de

vida, que é saber tudo sobre tudo, sinto-me ofendido com a queixa insensata". [...] (Verissimo, O GLOBO, 14 nov. 2002, Opinião).

<u>os</u>	Adjetiva Restritiva "que só terminarei de ler com 217 anos"	Adjetiva Explicativa "que só terminarei de ler com 217 anos"	Adjetiva Explicativa "que é saber tudo sobre tudo"	Substantiva Objetiva direta, "que está sem nada para ler", reconhecida, pelos alunos, como Adjetiva Restritiva
1	Aluno não sublinhou	não sublinhou	1	não sublinhou
2	Aluno não sublinhou	1	1	não sublinhou
3	Aluno não sublinhou	1	1	não sublinhou
4	Aluno não sublinhou	1	1	não sublinhou
5	Aluno não sublinhou	1	1	não sublinhou
6	Aluno não sublinhou	1	1	não sublinhou
7	Aluno não sublinhou	1	1	1
8	Aluno não sublinhou	não sublinhou	1	não sublinhou
9	Aluno 1	não sublinhou	1	1
10	Aluno 1	não sublinhou	1	não sublinhou
Total:	2	6	10	2

Quadro 1: Classificações efetuadas pelos alunos no fragmento (1)

No fragmento (1), todos os alunos identificaram a adjetiva explicativa “que é saber tudo sobre tudo” e dois alunos a adjetiva restritiva “que só terminarei de ler com 217 anos”. Seis alunos classificaram a adjetiva citada como explicativa e dois alunos classificaram como adjetiva restritiva a subordinada substantiva objetiva direta “que está sem nada para ler.”

(2) “[...] Além de conhecimento e audácia, falta-me convicção: ainda não escrevi um texto que merecesse ponto-e-vírgula. Um dia o escreverei e então tirarei o ponto-e-vírgula do estojo com o maior cuidado e com a devida solenidade o colocarei, assim; provavelmente no lugar errado, mas quem se importa ?” (Verissimo, O GLOBO, 15 nov.2002, Opinião).

Alunos	Adjetiva Restritiva	Adjetiva Explicativa
Aluno 1	1	
Aluno 2		1
Aluno 3	1	
Aluno 4	1	
Aluno 5	1	
Aluno 6	1	
Aluno 7	1	
Aluno 8	1	
Aluno 9	1	
Aluno 10	1	
Total :	9	1

Quadro 2: Classificações efetuadas pelos alunos no fragmento (2)

(3) “[...] São as boas surpresas dessa cidade que às vezes é a mais violenta e às vezes a mais cordial do mundo; que é capaz de matar por bala perdida, mas também de reunir 2 milhões de pessoas no réveillon de Copacabana sem conflito [...]”. (Zuenir Ventura, O GLOBO, Opinião).

Alunos	Adjetiva Restritiva	Adjetiva Restritiva
	<u>“que às vezes é a mais violenta e às vezes a mais cordial do mundo”</u>	<u>“que é capaz de matar por bala perdida”</u>

	Rest ritiva	Explicati va	Restr itiva	Explicativ a
Aluno 1				
Aluno 2				
Aluno 3		1		
Aluno 4		1		1
Aluno 5		1		1
Aluno 6				
Aluno 7		1		
Aluno 8		1		
Aluno 9		1		
Aluno 10		1		
Total:		7		2

Quadro 3: Classificações efetuadas pelos alunos no fragmento 3

No fragmento (3), cinco alunos identificaram corretamente a primeira oração e, três alunos, a segunda. No entanto, sete alunos identificaram a primeira oração como explicativa e dois alunos identificaram a segunda oração como explicativa. Vale ressaltar que dois alunos classificaram a primeira oração como restritiva e explicativa ao mesmo tempo.

(4) “Não sei se cheguei a ver todos os filmes da série “Star Wars”. Gostei do último mas não posso dizer se foi pela mesma razão que tenho ouvido muito: que ele só é bom em comparação com os últimos, que eram péssimos.” (Verissimo, O GLOBO, 12 jun. 2005, Opinião).

Alunos	Adjetiva restritiva <u>“que tenho ouvido muito”</u>		Adjetiva explicativa <u>“que eram péssimos”</u>		Apositiva <u>“que ele só é bom em comparação com os últimos”</u>	
	RESTRITIVA	EXPLICATIVA	Explicativa	Restritiva	Restritiva	Explicativa
	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou	

	não sublinhou	1	não sublinhou		não sublinhou	não sublinhou
	não sublinhou	1		não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou
	não sublinhou	1	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou
		1	não sublinhou		não sublinhou	não sublinhou
	não sublinhou	1			não sublinhou	não sublinhou
		1	não sublinhou	não sublinhou		1 não sublinhou
	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou	não sublinhou	1	não sublinhou
	não sublinhou	não sublinhou		não sublinhou	1	não sublinhou
0	não sublinhou	não sublinhou		não sublinhou	não sublinhou	
To tal:		2	4		3	

Quadro 4: Classificações efetuadas pelos alunos no fragmento (4)

4. COMENTÁRIOS

Observamos que em fragmentos de textos mais longos, em que a posição da oração adjetiva restritiva dentro do período ocorre ao final do enunciado, como constatado nos fragmentos 1 e 4, principalmente, houve dificuldades por parte dos alunos na identificação do sentido de restrição. Nesses exemplos, muitos alunos optaram por classificar as orações como adjetivas explicativas.

A dificuldade apresentada na distinção dos dois tipos de orações adjetivas foi constatada nos quatro fragmentos de textos analisados. Observamos tendência em se optar pela classificação de adjetivas explicativas em lugar de adjetivas restritivas. Apesar de o número de alunos participantes na pesquisa ser reduzido, a identificação do sentido explicativo para as orações apresentadas foi bastante recorrente. Segundo a abordagem

funcionalista, seguindo o subprincípio da ordenação linear, a disposição dos elementos linguísticos na frase segue uma ordem hierárquica. Para o falante, a ordem dos elementos presentes em seu discurso representa a ordem de importância assim considerada por ele. Dessa forma, o foco de atenção do aluno está concentrado no início do fragmento de texto e, ao serem apresentados exemplos de adjetivas restritivas em finais de enunciados, o sentido restritivo mostra-se pouco evidente e, conseqüentemente, menos provável de ser detectado e/ou classificado.

Na segunda etapa da pesquisa, houve o preenchimento de novas folhas de exercícios, dessa vez contemplando um número maior de alunos, pertencentes ao nível médio, perfazendo um total de sessenta e oito alunos: quarenta e cinco do primeiro ano e vinte e três do terceiro ano do ensino médio. Foi solicitado que o aluno marcasse a opção que melhor representasse sua interpretação a respeito da oração sublinhada nos fragmentos de textos. Para esse exercício, separamos orações adjetivas explicativas não prototípicas para verificarmos o “olhar” do aluno. Abaixo, reproduzimos os exemplos:

(5) “Estava sem assunto. O que não deve surpreender ninguém. Afinal, esta é praticamente uma constante. Estou sempre sem assunto. Mas aí tocou o telefone. Era a Adriane Galisteu”. (Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 3 de set. de 1999)

Classificação dos alunos:

- oração adjetiva restritiva (17 alunos).
- oração adjetiva explicativa (06 alunos).
- outros casos (45 alunos).

(6) “De posse do formulário, devidamente preenchido [...], dirija-se ao Departamento da Polícia Federal portando todos os documentos exigidos. Que não são poucos: carteira de identidade ou certidão de nascimento, prova de quitação [...]” – (*Jornal de Casa*, BH-MG, 9 a 15/05/95)

Classificação dos alunos:

- oração adjetiva restritiva (18 alunos).
- oração adjetiva explicativa (11 alunos).
- outros casos (39 alunos).

(7) “[...] Quando a Rita, sua mulher, passou também a faturar mais algum graças ao seu talento na cozinha, até sobravam alguns trocados no fim do mês. Que davam direito a uma eventual pizzaria e até, imaginem, férias na praia, numa daquelas excursões de agência divididas em seis parcelas”. (Boris Feldman – *Caderno Veículos* – Estado de Minas, 11/06/2000)

Classificação dos alunos:

- oração adjetiva restritiva (14 alunos)
- oração adjetiva explicativa (17 alunos)
- outros casos (37 alunos)

Os fragmentos 5, 6 e 7 ratificam os dados levantados na pesquisa piloto. Em exemplos cujo arranjo oracional se distancia do eixo prototípico, há dificuldade maior em classificar as orações de acordo com os modelos padrão, constantes na gramática normativa. No fragmento 5, quarenta e cinco alunos, 66,2%, classificaram a oração sublinhada como “outros casos”; no fragmento 7, trinta e sete alunos, 54,4%, classificaram-na como “outros casos” e no fragmento 6, 57,4%, classificaram a oração sublinhada como “outros casos”.

As orações apresentadas em 5, 6 e 7 se colocam no período de forma menos integrada dentro da sequência textual. Nos referidos fragmentos, as orações destacadas iniciam-se após pausa, caracterizando, assim, uma quebra dentro do fluxo textual. Além disso, são estruturas que possuem certa independência informacional em relação ao restante do texto. Essa característica de independência informacional torna-se mais evidente nesses fragmentos e pode ter contribuído como uma das possíveis razões para que os alunos optassem por classificar tais orações como “outros casos”.

Lembramos que, segundo o subprincípio da proximidade, o fluxo textual contínuo, evidenciado pela ausência de pausa, confirma a maior integração da sequência assim organizada. Uma maior integração dentro de uma sequência textual possibilita, também, uma maior integração semântica. Nos fragmentos 5, 6 e 7, sentidos e estruturas estão mais “soltos”, o que pode ter sido percebido pela comunidade estudantil, que, em sua maioria, optou por classificar esses arranjos como “outros casos”, e não como efetivas orações adjetivas explicativas.

CONCLUSÃO

No que tange às adjetivas prototípicas, verificamos que as adjetivas explicativas são mais sensíveis a fatores de natureza pragmático-comunicativa. As explicativas veiculam informação subsidiária, tornam compreensível, esclarecem uma informação. Podemos constatar sua ocorrência maior, por exemplo, em textos de manifestação de opinião ou de convencimento.

Por outro lado, quando há a preponderância do padrão mais regular e informativo, há tendência ao modelo restritivo. Percebe-se, no modelo restritivo, um estreitamento do vínculo de sentido e a proximidade linear entre a oração núcleo e a estrutura adjetiva,

principalmente pela ausência de pausas entre as orações. A restrição e a explicação, portanto, possuem frequência e motivação distintas.

Com a pesquisa de campo e respectiva coleta de dados, procuramos analisar como as orações adjetivas são percebidas e trabalhadas pelos alunos, em instituições de ensino público e privado da cidade de Niterói e qual a opinião dos docentes desses estabelecimentos quanto à relevância de tal conteúdo gramatical.

Ao analisarmos os exercícios propostos, verificamos grande número de ocorrências de classificação, por parte dos alunos, de orações adjetivas restritivas como adjetivas explicativas ou, ainda, como “outros casos”. Esse procedimento foi constatado tanto em estruturas de orações adjetivas padrão quanto em estruturas de adjetivas não prototípicas. Observamos que o sentido de “restrição”, principalmente, não é facilmente identificado pelos alunos.

Além disso, os alunos, de acordo com nosso estudo, tendem a não incluir no rótulo “adjetiva”, principalmente, os casos marginais, não prototípicos. Tais orações, na percepção dos alunos, estariam fora do eixo *hipotaxe > subordinação*, apresentado no quadro de interação oracional proposto por Hopper & Traugott (1993).

Quanto à relevância do conteúdo gramatical “orações adjetivas”, a maior parte dos docentes entrevistados considerou como sendo de grande importância.

A partir do conhecimento teórico e das análises das classificações e interpretações efetuadas pelos alunos para as orações adjetivas, propomos que o ensino/aprendizagem dessas estruturas oracionais, tão produtivas dentro da língua portuguesa, leve em conta as motivações discursivas das orações adjetivas. Defendemos a adoção dessa abordagem, seja em sua forma prototípica, seja em sua forma não prototípica, a fim de se discutir e ilustrar a dinamicidade da língua.

Ao se trabalhar os aspectos pragmático-discursivos em sala de aula, importante se faz, também, que as orações adjetivas sejam vistas dentro de um *continuum* de prototipicidade (TAYLOR, 1989), observando a existência de estruturas menos representativas dos padrões classificatórios adotados, ou seja, os elementos marginais, periféricos. Estruturas não prototípicas superam a classificação binária restrição x explicação, abordada nas gramáticas normativas e nos compêndios e gramáticas escolares.

Acreditamos na importância de uma relação de parceria entre o pesquisador e o pesquisado, entre a universidade e a escola. Mais ainda, defendemos que os resultados obtidos a partir das pesquisas e coleta de dados em instituições sejam divulgados e discutidos com as pessoas e/ou instituições diretamente envolvidas. Dessa forma, podemos, cada vez mais, ampliar pontos de vistas, adquirir novas experiências e divulgar novos saberes.

O conhecimento de formas linguísticas alternativas de manifestação discursiva, como no caso da adjetiva “não prototípica”, e seu aproveitamento em sala de aula são de grande importância para uma maior reflexão e envolvimento dos alunos no processo de ensino/aprendizagem. Em consonância com os PCN, almeja-se a formação de leitores e produtores textuais críticos e com poder argumentativo, dentro da perspectiva de um ensino voltado para a produção e interpretação de textos.

É necessário, portanto, que se leve em conta a dimensão discursiva da língua em sala de aula, o contexto em que ocorre a interação, a tipologia textual, o registro linguístico, seja formal ou informal, a língua falada e a língua escrita, entre outras dimensões.

Por fim, acreditamos, também, que o presente trabalho não encerra a questão das orações adjetivas e suas possíveis classificações. Além disso, a ampliação do *corpus* com mais alunos de outras regiões do Brasil possibilitaria uma visão mais abrangente e diversificada de como as orações adjetivas são interpretadas e classificadas por alunos e professores.

Em suma, acreditamos em uma prática de ensino voltada para a interação da metalinguagem, semântica e pragmática, para que se desenvolvam habilidades de reflexão, interpretação, análise e síntese. Assim, seria permitida uma comunicação mais ampla e eficaz dentro do grupo social, fazendo com que o aluno se sinta parte do processo de reflexão e questionamento acerca dos elementos linguísticos que apresentam variações em seu uso e configuração semântico-sintática.

REFERÊNCIAS

- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. *Língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Teoria lingüística e ensino: da necessidade de trabalhar com a significação no ensino de língua materna. In: *Língua portuguesa em calidoscópico*. São Paulo: EDUC, 2004.

VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.

Monika Benttenmüller Amorim é mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense e cursa o Doutorado em Letras na Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professora de português nos ensinos fundamental II e médio no Instituto GayLussac, em Niterói. Dentre suas publicações mais recentes estão *Aspectos discursivos de orações adjetivas não prototípicas em textos do século XV e sincronia atual* e *Orações adjetivas explicativas iniciadas por “Que + comentário” e “O que + comentário”*. monikaamorim@yahoo.com.br